

A policrise europeia

A grande questão é o contágio da policrise franco-alemã à União Europeia. As crises políticas e os líderes enfraquecidos em Paris e Berlim deixam um vazio que outros quererão ocupar.

Nuno Severiano Teixeira, *Público*, 25 de Dezembro de 2024

Houve um tempo em que as crises eram únicas e isoladas. Tinham uma só natureza: eram económicas, políticas ou militares e só uma de cada vez. Duravam um certo tempo e tinham um fim preciso. E, só ao fim de outro tempo, regressava uma outra crise, de uma outra natureza.

No nosso século, o mundo em geral e a Europa em particular parecem viver em crise permanente. Foram, em sucessão, a crise financeira internacional, a crise das dívidas soberanas, a crise do euro, a crise dos refugiados, a crise da covid-19 e, agora, as [guerras](#) na Ucrânia e no Médio Oriente. Estas crises têm uma natureza múltipla. São, simultaneamente, económicas e sociais, tecnológicas e ambientais, políticas e militares. E não têm limites precisos. Ainda não terminou uma, já começou outra. Isto é, são crises que se interpenetram e potenciam mutuamente, amplificam a sua escala e geram riscos sistémicos.

Antes eram simples, hoje são complexas. Ora, foi para explicar estas crises que os cientistas políticos formularam o conceito de policrise. E a Europa parece, hoje, continuar em policrise. Agora, sob o efeito simultâneo e conjugado das crises económica e política das duas maiores economias que são, ao mesmo tempo, as duas maiores potências da Europa. E desde o segundo pós-guerra, o motor da integração europeia: a Alemanha e a França.

A Alemanha enfrenta uma séria crise económica. É uma crise de produtividade da sua indústria que deixa a economia alemã estagnada e à beira da recessão. Os custos da energia devido à guerra da Ucrânia, a redução da procura pelo mercado chinês e a mera hipótese de novas tarifas alfandegárias impostas pela segunda administração Trump não autorizam grande optimismo para o futuro próximo.

À crise económica veio juntar-se a crise política. A “coligação semáforo” que apoiava o Governo rompeu-se. Ora, não tendo, constitucionalmente, o Presidente o poder de dissolução e não podendo o Parlamento autodissolver-se, não restava outra alternativa ao chanceler senão apresentar uma moção de confiança que sabia de antemão que seria rejeitada.

A Alemanha caminha, assim, para eleições antecipadas. Mas esse não é o problema. O problema é que as sondagens não antecipam facilidades para encontrar uma coligação e uma maioria parlamentar de apoio que assegure

governabilidade ao país. A crise política alemã não é uma crise de regime, mas uma liderança forte não se antevê provável.

Em França a crise não é económica, mas antes orçamental. É uma crise das finanças públicas e uma crise grave. O défice ronda os 6%, a dívida os 112% e os juros da dívida francesa superam já os da dívida grega no mercado internacional. A França está sob procedimento de défice excessivo da Comissão Europeia e precisa de mostrar a Bruxelas vontade política de pôr as contas em ordem, mas para isso precisa de um governo, que a crise política tarda em encontrar.

Depois de um desaire eleitoral nas europeias, Macron jogou alto e perdeu. Dissolveu o Parlamento e convocou eleições antecipadas. E em vez da nova maioria e da legitimidade renovada que esperava, ficou com um Parlamento dividido em três facções politicamente incompatíveis: um centro enfraquecido e dois extremos reforçados, à esquerda e à direita. Não contente com isso, voltou a jogar alto e voltou a perder. Não aceitou uma primeira-ministra proposta pela esquerda, mas que era moderada e tinha apoio parlamentar e nomeou Barnier. Para fazer um orçamento de austeridade.

Resultado: o Governo mais curto da V República. Agora, será a vez de Beyrou. Mas numa França altamente polarizada entre a União Nacional e a Nova Frente Popular também não será fácil assegurar governabilidade. A V República, sim, parece enfrentar uma crise do regime.

A grande questão é o contágio da policrise franco-alemã à União Europeia. É que a recessão económica na Alemanha e a crise orçamental em França terão, certamente, impacto na economia europeia e na zona euro. E as crises políticas e os líderes enfraquecidos em Paris e Berlim deixam na Europa um vazio de liderança que outros quererão ocupar: Meloni, que a Itália também é um país fundador; Tusk, que assume a presidência rotativa, gasta muito em defesa e ganhou protagonismo na guerra da Ucrânia; e até Orbán, amigo do peito de Trump. Mas perante a ameaça russa, o desafio chinês, a nova administração americana e um Sul Global afirmativo, a UE precisa de falar a uma voz. Uma cacofonia de vários líderes é tudo do que a Europa menos precisa.

Valham-nos Von der Leyen e António Costa. A policrise segue dentro de momentos.

<https://www.publico.pt/2024/12/25/opiniao/opiniao/policrise-europeia-2116798>